

becool

A woman with long dark hair and a large, intricate tattoo on her back is lying on a bed. She is looking down and to the side, with her hands near her face. The image is in a dark, moody blue tone.

OKSI • ASTRID KALLSEN • SOFRIMENTO • MACONHA •
DISNEY



RevistaBecool



@becoolmagazine

ENSAIOS

15 **POLAROIDS VOYEURÍSTICAS**

Oksi por Sarah Lenkisch

35 **ÀS MARGENS DO RIO**

Astrid Kallsen por Francisco José Vazquez

MATÉRIAS

27 **TRATAMENTO ILEGAL**

A história de pais que vão às últimas consequências para conseguir remédios para seus filhos - inclusive o tráfico

31 **UM PLANO PARA DOMINAR O MUNDO**

Sucesso no cinema, a Disney se prepara para tentar dominar o streaming

SEÇÕES E COLUNAS

6 **MULHERES QUE AMAMOS**

7 **OBSERVATÓRIO DO HOSPÍCIO**

9 **FAZ SENTIDO?**

10 **CRÔNICA**

11 **ENTREVISTA**

Julia Shaw

41 **SEXO**



CARTA DO EDITOR

ENTÃO É ISSO, meio que a gente resolveu do nada começar tudo de novo aqui nessa revista. E começar do zero, como se fosse uma revista totalmente diferente e não a 74ª edição da BECOOL.

A gente nasceu na Zeen, que faliu. Viveu anos a fio no Issuu, que agora não nos quer mais porque não temos dinheiro. Fomos expulsos do Calameo antes mesmo de iniciar nossa história lá. E agora estamos colocando a revista no Archive.org, um site gratuito e que disponibiliza PDFs para download.

Nos últimos sete anos, passamos por muita coisa. Vivemos os protestos de junho, a Copa e as Olimpíadas, o fim da MTV, a tentativa de carreira internacional da Anitta, o impeachment da Dilma, a eleição de 2018, agora, a morte do Gugu.

A tentação de achar que o mundo piorou por culpa nossa é grande - até porque se comentava que a culpa era da separação de Sandy & Junior, mas eles voltaram e o Brasil não melhorou em nada. Por favor, digam que a culpa não é minha!

Enfim, a Nova Era (que consiste em não fazer nada e esperar o aplauso das redes sociais) demandava uma revista diferente. E as transformações do jornalismo

mundial também demandavam uma atenção maior com o conteúdo editorial que era publicado aqui.

Finalmente, após muitos meses de trabalho interrompido por provas e trabalhos da faculdade, esta revista está pronta e cheia de novidades. Novo visual, com fontes e medidas diferentes, mais ênfase em conteúdo de profundidade e qualidade de texto, menos páginas com mais conteúdo de mais qualidade.

E é para comemorar este relançamento que tomamos a decisão de, mesmo na oposição, fazer uma revista inteira sem citar o nome do atual presidente ou alguma das baboseiras que ele fez no meio tempo em que existimos.

Em vez disso, tem a busca por maionese medicinal ilegal, os planos de dominação mundial da Disney, as colunas de Mônica de Souza e Alberto Villas, e a estreia da seção "Observatório do Hospício", sobre tudo que acontece neste grande sanatório geral que chamamos de política.

Ah, temos dois ensaios finíssimos. E duas capas, uma dando ênfase no ensaio e outra dando ênfase na matéria, pra você poder escolher a que mais gosta e ler em paz.

Bem-vindos à nova BECOOL. E chega que eu tenho que fazer índice!

becool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza

Fontes: El País, RektMag, Nakid Magazine, Diário do Centro do Mundo, CartaCapital, BBC Brasil e The Philadephia Inquirer.

MAIS



REVISTAS

BECOOL é uma publicação da Mais Revistas

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

Julie K. Brown

A REPÓRTER INVESTIGATIVA do Miami Herald, Julie K. Brown - aka o pior pesadelo de Jeffrey Epstein - sabe o que é estar sem dinheiro e vulnerável.

Brown tinha apenas 16 anos quando deixou sua casa em Bucks County de vez. Ela sobreviveu nos quatro anos seguintes dormindo em sofás de amigos e se virando em uma série de empregos mal remunerados - entregando flores, servindo comida e trabalhando em uma fábrica de abajures.

Seu ponto de virada foi ser aceita no programa de jornalismo da Temple University, em que ela se formou com honras em 1987.

Todos esses anos mais tarde, quando Brown considera o que aconteceu com as garotas empobrecidas que supostamente foram atraídas para o infame esquema sexual de Epstein, ela sente uma certa afinidade.

"Lá, não fosse por Deus, estaria eu", disse Brown, 57 anos. "Eu sei como é difícil fazer o seu caminho quando você tem 16 anos. E essas garotas estavam quase desabrigadas aos 13, 14, 15 anos. E eu acho que eu posso entender como alguém poderia entrar nessa situação difícil".

Felizmente, ela tinha amigos mais velhos que ajudaram a guiá-la ao terminar a escola e lançar uma carreira jornalística de sucesso.

"Foi difícil", lembrou ela. "Eu não estou dizendo que eu estava nessa situação terrível, mas eu poderia ter estado".

Agora, por causa de seu trabalho premiado no Herald, as mulheres que dizem que foram atraídas para o infame esquema sexual de Epstein quando eram apenas garotas finalmente terão seu dia no tribunal.



apenas empreendedor

No neoliberalismo, o sucesso e o fracasso são despolitizados. Tudo se resume ao indivíduo

POR ESTHER SOLANO



SAÍA DE CASA PARA visitar, com meus alunos, o Centro de Memória Sindical em São Paulo, quando se atravessou a vida com seus paradoxos. No primeiro semáforo depois de sair de casa, um homem vendia cinco panos por 10 reais, caminhando entre os carros. O vendedor devia ter uns 50 anos, visivelmente empobrecido, visivelmente cansado e visivelmente triste. Ainda mais triste que o olhar do homem que vendia panos eram as palavras escritas num cartaz que ele levantava com uma mão: “Sou empreendedor, só preciso de tempo”. Senti um nó na garganta e no estômago quando li essas palavras, por causa da violência tão monstruosa que elas escondiam. Ele, cujo negócio se resumia a cinco panos por 10 reais, não era pobre, era empreendedor.

O neoliberalismo, ainda mais em um país periférico como o Brasil, aniquila. Isso sabemos muito bem. Mas aniquila com maestria, com um virtuosismo de cair o queixo. A racionalidade neoliberal penetra as mentes, adentra-se pelos corações até invadir tudo. A racionalidade neoliberal constrói-se em uma lógica perversa do sujeito do desempenho, o empreendedor de si mesmo, o homem batalhador. Como consequência, a vida despolitiza-se. A conquista é produto unicamente de nosso trabalho e de nosso esforço. Ao longo destes anos, nas minhas entrevistas com conservadores

brasileiros de classes populares ouvi coisas do tipo “eu ganhei Minha Casa Minha Vida, mas não que tenha casa agora pelo programa ou pelo PT. Eu teria conseguido do mesmo jeito, porque eu me esforço muito e eu merecia”. Ou “meu filho conseguiu entrar na universidade pelo Fies, mas isso não teve nada a ver com o Fies, realmente foi ele que trabalhou duro e estudou muito”. Eu mereci porque trabalhei.

Meu mérito, minha conquista. Meu fracasso, minha culpa. A culpa também é produto da lógica do neoliberalismo. O sucesso despolitiza-se, mas o fracasso também. Lembro-me da entrevista de uma mulher adolescente, digamos que de nome Bárbara, negra e periférica, que iria votar em Jair Bolsonaro e repetia, convicta, o discurso da meritocracia. Ela me disse “eu vou prestar o vestibular, e não tem essa de que eu tenho menos oportunidades que os jovens brancos de classe média. Isso é mimimi, racismo reverso. Vou estudar muito e se eu não conseguir será minha culpa, será porque eu não sou boa o suficiente para estudar”.

Bárbara, mulher negra periférica, me disse, com calma e contundência, que racismo, pobreza e machismo, no Brasil, são “vitimismo”. Penso com frequência nela. Não sei se ela entrou na faculdade. Se não, com certeza ela sente que o fracasso foi culpa dela, mas, calma, o neoliberalismo também tem resposta

para isso, basta combater a dor com remédios. Você não é um vencedor, é um fracassado, sente culpa, mas, tranquilo, não pense demais, não se insubordine, não se inquiete, pelo amor de Deus não vá protestar na rua nem caia na loucura de arranjar um movimento social, sindicato ou partido, tome remédio. O adoecimento mental, resultado do modelo da sociabilidade meritocrática, resolve-se não com política ou luta, mas com pílula. “Patologizar” a vida é a saída.

João Doria soube muito bem jogar esse jogo na sua campanha eleitoral para a prefeitura de São Paulo, em 2016. Ele era o João Trabalhador, que acordava cedo e, suando a camisa, conseguiu se transformar no Doria empresário. Querer é poder. Você é foda, você é um vencedor, basta ter vontade e correr atrás. Todo mundo pode ser um empresário de sucesso. Do neoliberalismo ao coaching, outra ferramenta feroz de controle e violência. Entrem numa livraria e folheiem as obras de autoajuda e coaching nas prateleiras. Parece que você tem a obrigação de estar sempre feliz e de ser um campeão. Tristeza ou derrota não aparecem no vocabulário. Eu sinto arrepios com esses livros e sempre lembro da Bárbara. A partir de hoje lembrarei também do homem que vendia panos. Ele não era pobre, era empreendedor.

além das desigualdades

A prestação de serviços públicos no Chile inclui mecanismos ágeis de exclusão de usuários

POR EMILIO CHERNAVSKY



O QUE INICIOU com protestos localizados contra o segundo aumento no ano na tarifa do metrô de Santiago, capital do Chile, se transformou num movimento de grandes proporções que se alastrou em todo o país e gerou enormes manifestações populares contra o governo que, recebidas com violenta repressão policial, resultaram em dezenas de mortes e milhares de presos e feridos.

Os acontecimentos surpreenderam quem acompanha à distância os indicadores macroeconômicos do país, que apontam nas últimas décadas taxas de crescimento entre as maiores da América Latina, baixas taxas de inflação e contas públicas equilibradas, dando insumos a órgãos multilaterais como FMI e Banco Mundial e a analistas conservadores que colocam o Chile como exemplo a ser seguido.

Na busca por explicações para a explosão de descontentamento a despeito desses indicadores favoráveis, artigos na mídia internacional, inclusive em veículos de imprensa liberais como o britânico Financial Times, passaram a culpar a enorme desigualdade existente no país. Com efeito, o Chile está entre os países em que a distribuição da renda é mais desigual; entre os que fazem parte da OCDE, é disparado (com exceção do México) o mais desigual.

Mesmo na América Latina, região em que a renda e a riqueza são mais desigualmente distribuídas, o Chile

também está entre os mais desiguais. Com isso, os maiores benefícios do crescimento econômico acabam apropriados apenas por parcela pequena da população, enquanto grande parte dela vive na pobreza.

Mas, se a desigualdade elevada fragiliza a coesão social e gera descontentamento em todos os lugares em que ocorre, outros elementos fazem com que, no Chile, ela leve à explosão que hoje verificamos. No país, o endividamento das famílias é um dos mais altos entre os países emergentes e, de longe, o mais alto na América Latina, comprometendo parte relevante da renda da população com o serviço da dívida.

Além disso, mais que na maioria dos países, a prestação de serviços públicos no Chile é regida por regras puramente comerciais, que incluem mecanismos ágeis de exclusão de usuários. Quase tudo é pago e, para muitos, caro ou inacessível. As tarifas dos serviços essenciais de água, energia elétrica e gás recebem poucos subsídios e ainda remuneram as empresas privadas altamente lucrativas que os operam, fazendo com que o pagamento por esses serviços responda no país por parcela particularmente elevada dos gastos das famílias, em especial no caso das de baixa renda.

Igualmente, a saúde pública é majoritariamente paga, assim como é a educação superior, o que torna

também a parcela dos gastos com saúde e educação especialmente elevada – dentro da OCDE, atrás apenas dos EUA e da Suíça. E, como vemos no seguinte gráfico, o custo desses serviços ainda cresceu nos últimos anos em ritmo superior ao da inflação geral.

O aumento desse custo e, com isso, da parcela destinada aos gastos essenciais – logo, pouco compressíveis –, tem pressionado o orçamento das famílias em um país de salários relativamente baixos, em que metade dos ocupados ganha menos que cerca de 1,3 salário mínimo (pouco mais que dois salários mínimos no Brasil), e onde 80% das aposentadorias são inferiores ao mínimo.

Com menos dinheiro para todas as outras despesas, tem aumentando nos últimos anos o estresse financeiro ao qual grande parte da população está submetida, evidenciando os infórtunios de uma sociedade na qual o acesso a necessidades básicas é quase que totalmente mercantilizado, sendo negado a quem não dispõe de recursos para custeá-los. Ajudando a alimentar protestos populares localizados durante anos, especialmente nas áreas da educação e das aposentadorias, cujas demandas têm sido encaminhadas de forma insatisfatória pelo sistema político, o aumento do estresse financeiro certamente contribuiu também para a explosão atual. O desfecho desta segue em aberto. empreendedor.

a banheira do yesterday

Foda-se os Beatles, eu quero saber o que teria sido da humanidade se o Gugu tivesse ido pra Globo

POR MÔNICA DE SOUZA



EU SÓ ME LEMBRO de ter me sentido meio estranha. Eu vi um clarão na noite anterior, mas é óbvio que aquilo não significava nada, clarão a gente vê todo dia, ainda mais se você mora perto de um monte de árvore. Tá, eu moro em São Paulo, não tem árvore...

Eu liguei a televisão e, ao que parece, não se falava de Gugu. Falava-se de Silvio Santos, que continuava gagá, mas não ligavam muito. É como se tivessem falado de Raul Gil pisando na bola por algum motivo. Silvio Santos pequeno desse jeito?

Minha mãe não estava em casa, então eu simplesmente saí sozinha pra comprar um suco. Mas algo esquisito pairava no ar. Enquanto eu pagava o suco no caixa, via uma vizinha que parecia despreocupada. Puxei assunto.

- E o Gugu, hein?
- É domingo a final da Dança, né? – estranhei na hora a mudança de assunto.
- Deixa pra lá o Faustão, coitado do Gugu.
- Faustão? Agora você foi lá longe, anos 80. Como será que ele tá hoje? Eu lembro que eu assistia o “Perdidos Na Noite”.

Isso era algo estranho. Como assim Faustão sumido?

- Mas ele tá na Globo, de domingo!
- Você tá doida, Mônica? O domingo da Globo é do Gugu!

Aí que eu percebi que o clarão que eu tinha visto era um lapso temporal. Como naquele filme “Yesterday”, em que todo mundo esquece as músicas dos Beatles.

Assim do nada. Na Wikipedia, estava escrito que Gugu estreou na Globo em 1988 o programa “Domingugu”, que logo de cara bateu Silvio Santos no Ibope e acabou com o SBT de vez.

Tudo foi diferente a partir daí. Ninguém conhecia os Mamonas Assassinas, porque a Globo não deixava o apresentador faturar com os convidados do jeito que fazia no canal 4. A Manchete curiosamente estava viva, já que o SBT decaiu ao perder a hegemonia do domingo. Eu podia cantar “uba uba uba ei” o quanto eu quisesse que ninguém saberia do que eu falava.

E mais importante, ninguém se lembrava de Carla Perez, Tchan, Boquinha da Garrafa. Tampouco alguém tinha visto um brinquedo do Gugu.

Pensei comigo: será que eu me aproveitava da situação? Como no filme? Eu poderia surgir na RedeTV, por exemplo, e sugerir uma brincadeira baseada em uma banheira com sabonetes. Banheira do João Kleber? Não combina.

Mas quanto mais eu pensava, mais surgiam referências à época de Gugu no Domingo Legal, que nunca existiu. Como nunca existiu guerra dos domingos, ou Sabadão Sertanejo, ou camiseta molhada, ou Dani Boy... Ou Dominó, Polegar, Marcelo Augusto,...

Uma coisa diferente pode mudar a realidade por inteiro. Se D Pedro tivesse ido ao banheiro a tempo, talvez não houvesse independência. Tá bom, talvez isso seja boato. Mas é verdade:

a vida é um sistema complexo e uma coisa simples como a inexistência de um Gugu apresentando o Domingo Legal fez muita diferença.

Até a TV a cabo era diferente! Como o SBT nunca viveu os tempos áureos, menos gente mudava de canal na TV aberta e mais gente fez TV paga. A TVA ainda existia e a Abril pertencia à família Civita. Ainda endividada, mas menos acabada do que hoje.

Pensava em tudo isso quando em algum momento eu vi uma amiga minha de mãos dadas com um cara. Parei pra conversar e ela falou um pouco sobre ele. Perguntei:

- Namoro ou amizade?
- Namoro, claro.
- Então beijaaaa!

Se beijaram muito bonitinho. Tão bonitinho que o despertador tocou e eu acordei. Infelizmente, não foi pra ver uma notícia boa: Gugu estava internado estado grave. Sua morte seria confirmada no dia seguinte.

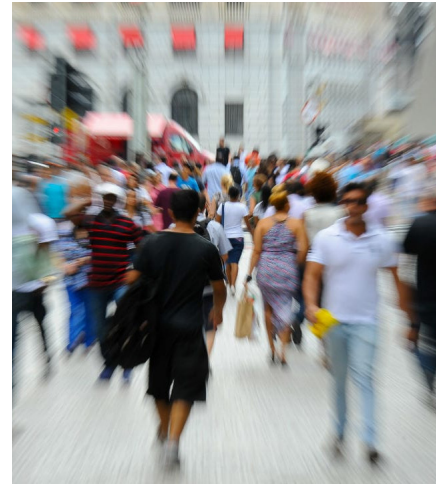
Nunca fui muito fã do programa dele, e acho sim o seu legado muito problemático em vários aspectos. Mas ele fez muitas coisas boas e viveu intensamente uma época em que tudo era permitido. E ao fazer isso, revolucionou o fazer televisivo de forma nunca antes vista. No fim das contas, melhor não perguntar por quem os sinos dobra – eles dobram por ti.

Descanse em paz, Gugu.

o que você leva nas mãos?

A curiosidade sobre o que as pessoas ouvem na rua e para onde estão indo rende histórias interessantes

POR ALBERTO VILLAS



OLHANDO ASSIM PELA JANELA do carro, do ônibus, do apartamento, andando pela calçada quase sempre esburacada, sentado na mesa de um bar tomando uma cerveja, percebia que cada pessoa que passava, levava alguma coisa nas mãos.

Homens levavam pacotes, pastas, saquinhos, embrulhos grandes e pequenos. Mulheres basicamente bolsas de couro ou imitando couro e sacolas de papel ou plástico. O que esses homens e essas mulheres levam tanto, pra lá e pra cá? Não via uma viva alma nas ruas com as mãos abanando.

Daí surgiu uma ideia de pauta para o telejornal que fazíamos todo final da noite. Na reunião diária, a mais democrática da história do jornalismo, todos participavam: editores, redatores, produtores, contínuos, o cara do café, a secretária, a faxineira e quem mais aparecesse. Todos davam sugestões, pitacos e o telejornal acabava ficando pronto.

Apresentado por Lillian Witte Fibe, o Jornal do SBT muitas vezes batia o da Globo. No início, não foi fácil. Lillian vinha da Vênus Platinada, mais precisamente do Planeta Economia e gostava de falar de debêntures, do índice Nasdaq, da Selic, da inflação, do overnight, da cotação do dólar e do ouro. Lillian não distinguia o funk do rap, nem o rap do rock. Não sabia quem era o Alceu Valença de Coração Bobo ou Geraldo Azevedo de Dia Branco, tampouco o Zé Ramalho de Vida de Gado.

A pauta foi fechada e a repórter foi pra rua perguntar o que as pessoas estavam levando nas mãos, dentro da bolsa, da pasta, do embrulho, do saquinho de plástico. O resultado foi isso aqui, ô ô, um pedacinho do Brasil.

Encontramos gente levando muda de jabuticabeira da casa da mãe, documentos para reconhecer firma, resultados de exames médicos, um jeans pra dar bainha, umas comprinhas de supermercado, um macaco Murphy pro filho e, finalmente um homem magro que fez questão de rasgar o pacote aos poucos e ir mostrando para a câmara o que tinha lá dentro: uma gaiola dourada para colocar o seu curió.

O forte do nosso telejornal era o comportamento. O sucesso da matéria mostrando o que as pessoas estavam levando nas mãos foi tão grande que tivemos uma outra ideia de pauta. Num mundo ainda sem Spotify, a onda era o walkman. As pessoas começaram a usar fone de ouvido e nós fomos procurar saber o que elas estavam ouvindo no meio da rua.

Microfone do SBT na mão, a pergunta do repórter era curta e grossa: O que você está ouvindo? Passado o susto, ninguém recusou em responder: curso de inglês, Fagner cantando Borbulhas de Amor, Gabriel, o Pensador cantando o rap Tô Feliz, matei o presidente, Fernanda Abreu, Rio 40 graus e os Engenheiros do Havaí, Muros e grades.

Estou ouvindo November Rain, com Guns N'Roses, Make It Happen, com Mariah Carey, Remember the time, com

Michael Jackson. Estou escutando as Lições de Sabedoria, de um mestre da seita Seicho-no-Ie.

A matéria foi pro ar e, de novo, outro sucesso de público e crítica. O editor ilustrou cada música com trechos de videoclipes. Era assim que chamávamos, na era da MTV. Lillian Witte Fibe voltava com cara de assustada depois da exibição dessas matérias e comentava: Só mesmo o Jornal do SBT!

Para onde você está indo? Essa foi a nossa terceira e última reportagem da série. O objetivo era espalhar três repórteres pelos cantos da maior cidade da América do Sul e perguntar para cada um: Para onde você está indo?

Para onde será que estava indo essa multidão às oito e pouco da manhã? Consertar um vazamento na Casa Verde. Pro trabalho. Pro supermercado. Pra escola. Fazer uma entrevista de trabalho. Pra padaria tomar café. Pra farmácia comprar absorvente. Pra uma obra no Itaim, onde estou pintando um apartamento.

Aquela imagem acelerada da multidão correndo pelo Viaduto do Chá, com uma música de Tom Zé ao fundo, impressionava. São oito milhões de habitantes/De todo canto e Nação/Que se agridem cortesmente/Correndo a todo vapor/E amando com todo ódio/Se odeiam com todo amor.

O último entrevistado foi um motorista musculoso da linha Cohab Adventista, que fechou a série respondendo: Estou indo pro ponto final.



JULIA SHAW

“A MENTE TEM PRAZER COM O SOFRIMENTO”

A psicóloga canadense lançou recentemente um trabalho que desmistifica a ideia de que a maldade não faz parte do ser humano - e que os assassinos talvez não sejam meros “monstros”

POR IRENE HERÁNDEZ VELAZCO

QUANDO FALAMOS SOBRE assassinos, é comum usarmos as palavras "monstros" ou "perversos" para qualificá-los, como se eles fossem seres de outra espécie, absolutamente diferentes de nós. No entanto, todos somos capazes de matar, segundo Julia Shaw, uma psicóloga criminal alemã que vive em Londres e que passou anos explorando os cantos mais sombrios da mente humana.

Doutora em Psicologia pela Universidade de British Columbia, no Canadá, e atualmente pesquisadora na London College University, Shaw é autora do livro *Making Evil* (Fazendo o mal, em tradução livre) que traz um estudo detalhado sobre nossa infinita capacidade de ferir - e mostra como você é pior do que você imagina.

IRENE HERNÁNDEZ VELAZCO: Nós, humanos, gostamos de matar. De fato, somos superpredadores, matamos mais animais e em maior número do que qualquer outra espécie. Estamos programados para matar?

JULIA SHAW: Os seres humanos sempre tiveram que matar para sobreviver: nossos corpos matam bactérias que ameaçam nossas vidas, nós sempre matamos plantas e animais para a alimentação e, certamente, desde os tempos antigos matamos quando nos sentimos ameaçados ou temos algo a ganhar. Por incrível que pareça, matar é essencial para a condição humana.

VELAZCO: Todos nós temos um assassino dentro de nós e somos capazes de matar em um determinado momento? Ou seja, vivemos cercados por muitos assassinos em potencial?

SHAW: Para todos nós, apenas uma má decisão nos separa de prejudicar os outros de forma trágica. Um momento de loucura em nossos carros, uma

faca que desliza, um empurrão.

Isso não significa que é provável que todos nós possamos, igualmente, agir de maneira horrível, mas significa que todos devemos assumir que somos capazes de causar um grande dano aos outros.

E quando começamos a entender o que pode nos levar a esses caminhos ruins, podemos começar a entender por que os outros os escolheram. Podemos começar a quebrar o "mal" em seus componentes, separar cada peça e estudá-la.

No meu livro, trato de vários estudos sobre esse tema. Em um deles, a maioria dos participantes (homens e mulheres) confessou que tinha fantasias sobre o assassinato - matar pessoas como seus colegas ou mesmo seus entes queridos.

Esses pensamentos são normais e, felizmente, trazê-los para a realidade não é. De fato, pensar nessas coisas pode nos ajudar a tomar decisões melhores, porque, uma vez que tenhamos pensado no horror em nossas mentes, é provável que decidamos que realmente não queremos as consequências terríveis. Muitas vezes vemos que aqueles que acabam cometendo assassinatos não fantasiam com isso, como fazem os bandidos do cinema. Em vez disso, muitas vezes é o resultado de uma briga que vai longe demais. Na maioria das vezes, o assassinato não é o resultado de um planejamento meticuloso por um sádico ou psicopata. É muito mais provável que seja uma decisão ruim da qual a pessoa se arrepende imediatamente e que a persegue pelo resto da vida.

VELAZCO: Se matar é da nossa natureza, por que consideramos o assassinato de um ser humano nas mãos de outro como algo terrível, monstruoso e contrário à natureza?

SHAW: Nós não veríamos dessa maneira se

fossemos honestos com nós mesmos e se nos aprofundássemos no assunto. Nós não vemos todos os assassinatos como ruins.

Quando alguém mata para se defender, quando nossos soldados matam as tropas "inimigas", quando os combatentes enfrentam o fascismo, não vemos essas pessoas como más. Podemos até chamá-los de heróis.

O que as pessoas concordam em se qualificar como mal é o assassinato de pessoas consideradas "inocentes" e, particularmente, quando esse ato parece motivado pelo sadismo. Mas esse tipo de assassinato é muito raro - tão raro que vive quase exclusivamente em nossa imaginação e em filmes.

VELAZCO: Em seu livro, você revela que muitos assassinos são "pessoas normais", pessoas com aspecto agradável...

SHAW: Nós temos a imagem de que pessoas que julgamos ter aspecto ruim são más, o que é conhecido como "o efeito demoníaco". Mas precisamos aprender a usar mais nossos cérebros para avaliar se há evidências de que uma pessoa em particular é realmente perigosa para nós. Isso pode nos ajudar a combater problemas como a xenofobia e ajudar a parar com a estigmatização de pessoas com deficiências físicas ou mentais.

Um estudo mostra que temos todos os tipos de suposições sobre a aparência daqueles que rotulamos como "mal". No meu livro, dedico um capítulo inteiro ao que é horripilante. E o que a pesquisa mostra é que coisas como dedos longos, risadas estranhas, falar demais sobre determinados assuntos ou estar perto demais são frequentemente percebidas como "assustadoras".

O problema é que essas suposições são enviesadas. Estudos mostram que aqueles que percebemos que têm doenças mentais, ou cicatrizes no rosto ou deficiências visíveis - ou que são de uma parte diferente do mundo e têm costumes diferentes ou um aspecto diferente do nosso - são mais propensos a disparar nossos radares como algo "assustador", embora não sejam realmente uma ameaça para nós.

VELAZCO: Subestimamos nossa capacidade de prejudicar os outros?

SHAW: Pensamos em nós mesmos como "bons", e isso torna muito difícil percebermos nossa própria capacidade de causar danos. Precisamos urgentemente nos conhecer melhor.

VELAZCO: Bem e mal são categorias absolutas? Existe maldade e bondade dentro de todos nós?

SHAW: Eu acredito que o mal só existe em nossos medos. Acredito que não devemos usar o termo "maldoso" para descrever os seres humanos ou seus atos, porque isso faz parecer que eles nunca poderiam ser compreendidos, que eles são quase sobrenaturais.

O mal também é um rótulo que usamos quase que universalmente para desumanizar os outros e, quando fazemos isso, podemos facilmente nos tornar os monstros que tememos.

Em vez de chamar pessoas ou atos de maldosos, por que não descrever o ato, suas consequências e, idealmente, tentar entender por que isso aconteceu?

Somente se trabalharmos para entender por que as pessoas causam grande dano podemos começar a evitá-lo.

VELAZCO: Até o pior assassino tem alguma bondade por dentro?

SHAW: Tem uma citação maravilhosa sobre a qual venho pensando, de Aleksandr Solzhenitsyn, um escritor que sobreviveu às horrendas condições do gulag (campo de concentração) soviético, sobre os guardas da prisão que trabalhavam nos campos. "A linha que divide o bem e o mal atravessa o coração de cada ser humano. E quem está disposto a destruir um pedaço do seu próprio coração?"

VELAZCO: Normalmente classificamos assassinos como pessoas sem empatia. Mas, ao mesmo tempo, não sentimos empatia pelos assassinos - talvez para tentar deixar bem claro que somos absolutamente diferentes deles?

SHAW: Sim, é bem hipócrita. Mas nós, humanos, somos ótimos em hipocrisia. Certamente, a maioria das pessoas que matam têm empatia. Eles podem não ter em relação a suas vítimas.

Geralmente, temos mais empatia com as vítimas do que com os agressores, o que facilita a construção de diferenças artificiais entre nós, "as pessoas boas", e "as pessoas más".

E não gostamos de pensar que "nós" podemos nos tornar as pessoas que tememos ou odiamos. Podemos ter medo de nós mesmos.

No entanto, como cientista, acho esse lado fascinante. E acredito que a popularidade de filmes e livros de crimes de ficção ou reais mostra que muitas pessoas também estão intrigadas com pessoas que fazem coisas terríveis.

VELAZCO: Existem vários estudos que mostram como quase todos nós podemos ser sádicos, e no seu livro você cita alguns deles. É normal ser sádico?

SHAW: No que alguns cientistas chamam de "sadismo do dia a dia", os participantes de um experimento foram solicitados a prejudicar outras pessoas por meio de vários métodos, como administrar ruídos muito altos, matar insetos ou fazer outras coisas prejudiciais.

A pesquisa revelou que, enquanto muitos de nós estariam dispostos a prejudicar uma vítima inocente, apenas aqueles que têm uma pontuação mais alta no sadismo o fazem quando percebem que a outra pessoa não se defende.

Nossas mentes estão programadas para ter prazer com o sofrimento dos outros, como quando sentimos alegria quando um colega que odiamos falha em algo importante, mas felizmente só acontece às vezes.

VELAZCO: Em seu livro, você menciona alguns comportamentos considerados como agressões passivas (como não retornar o telefonema para uma pessoa, não responder às suas mensagens ou não falar com ela) que, no entanto, a maioria das pessoas realiza em maior ou menor extensão. Por que fazemos essas coisas?

SHAW: Acredito que um dos tipos mais interessantes de agressão, e certamente o mais comum, envolve machucar alguém por não



*“A aggressão
é um
comportamento
humano
normal”*

responder: agressão passiva.

Com os amigos, podemos intencionalmente ignorar uma mensagem de texto de desculpas. Com nossos pais, podemos nos atrasar para frustrá-los e, com os namorados ou namoradas, podemos nos recusar a fazer sexo para puni-los pelo mau comportamento que percebemos que tiveram. Por que fazemos essas coisas?

Uma razão pode ser que esse tipo de comportamento seja fácil de negar. Se eles descobrirem você e acusarem você de se comportar passivamente de forma agressiva em uma discussão, você sempre pode dizer: "O que? Eu não fiz nada". Podemos dizer a nós mesmos que, como é agressão devido à inação em vez de ação, não somos culpados.

No entanto, na realidade, a agressão passiva pode ser tão prejudicial para as relações e o bem-estar psicológico dos outros quanto outros tipos de agressão.

A agressão é um comportamento humano normal: devemos ter cuidado apenas para controlar a raiva ou a frustração para que possamos minimizar o dano o máximo possível.

VELAZCO: Várias investigações mostram como os assassinos têm cérebros diferentes. Em seu livro, ele menciona o caso de James Fallon. Poderia explicar isso?

SHAW: Existem pesquisas fascinantes, por meio de neuroimagem nos cérebros das pessoas que assassinaram e das pessoas que são psicopatas. Os estudos mostram de forma reiterada que provavelmente existem algumas diferenças entre os cérebros dessas pessoas e aqueles que não prejudicam os outros.

No entanto, muitas vezes não está claro o que veio primeiro: o cérebro ou o mau comportamento. E é ainda mais complicado, porque mesmo aqueles com o cérebro de psicopata podem nunca ter um mau comportamento.

Um exemplo fascinante de pesquisa é o Dr. Fallon, que estuda os cérebros dos psicopatas. Depois de examinar os cérebros de muitos dos participantes, ele segurou em suas mãos a imagem de um cérebro claramente patológico. E, no final, descobriu-se que esse cérebro era dele.

Fallon classificou ele mesmo como "psicopata pró-social", alguém que tem dificuldade em sentir empatia, mas se comporta de maneira socialmente aceitável. Acontece que nem todos os psicopatas são iguais, e certamente nem todos os psicopatas são criminosos.

Mesmo alguém nascido com o cérebro de um assassino poderia nunca matar ninguém, embora seja mais provável que ele faça isso.

VELAZCO: A maioria dos assassinos só mata uma vez. É justo chamá-los de assassinos pelo resto de suas vidas?

SHAW: Eu acho que devemos ser muito cuidadosos ao julgar as pessoas e fazer isso com base em toda a sua complexidade, e não apenas com base no pior que elas fizeram. Devemos ter muito cuidado quando usamos termos como "assassino", para que não nos esqueçamos da humanidade das pessoas.

Penso que a razão pela qual precisamos conversar de maneira muito mais estruturada sobre isso é que, se não discutirmos, nunca poderemos impedir que coisas terríveis aconteçam. **bc**



POLAROIDS VOYEURISTICAS



OKSI
per SARAH LENKISCH





















TRATAMENTO ILEGAL



Até o ano passado, uma ONG do Rio Grande do Norte forneceu um óleo produzido a partir da Cannabis sativa para distribuir a pacientes com diversas patologias, como Parkinson, paralisia cerebral, autismo e epilepsia. Mas a Justiça Federal proibiu o cultivo, deixando dezenas de famílias sem o medicamento. Fomos até Natal para saber como esses pais estão se virando para cuidar dos filhos

POR LEANDRO MACHADO

Para a maquiadora Débora Gabriella de Lima, 27, a maconha surgiu do desespero: "Meu filho tinha dois anos na época e as convulsões dele eram tão fortes que a cama do hospital balançava."

Enquanto Cauã convulsionava repetidamente e "beirava o estado vegetativo", Débora procurava no celular uma notícia que tinha lido sobre o uso medicinal da Cannabis sativa, a popular maconha. Depois de tantos remédios e internações, seria essa erva proibida no Brasil a última esperança para diminuir as dezenas de crises diárias que o filho sofria? Mas onde consegui-la e como usá-la?

Depois de pedir ajuda a outras mães de crianças com deficiência, a maquiadora recebeu a mensagem de um desconhecido. O rapaz disse que plantava Cannabis havia anos e fornecia um óleo feito a partir da erva para sua própria mãe, diagnosticada com a doença de Parkinson. Segundo ele, o uso da substância diminuiu consideravelmente os tremores dela. Será que Débora não gostaria de testar o óleo em seu filho?

Dois anos depois, sentada no sofá de casa em um bairro na zona sul de Natal, a mãe conta à BBC News Brasil o que a maconha representou para Cauã: "Sabe o que é ver seu filho ter 50 convulsões por dia e, uma semana depois, elas pararem completamente? Só encontro uma palavra: milagre".

O garoto, que tem paralisia cerebral e epilepsia, foi o primeiro paciente da ONG Reconstruir Cannabis Medicinal, entidade potiguar que cultivava maconha para fins de saúde. Um dos diretores da organização era Yogi Pacheco, o então desconhecido que ofereceu o óleo para a mãe de Cauã.

Até outubro do ano passado, a ONG plantou a erva ilegalmente, produziu um extrato feito a partir da planta e vendeu para 53 pacientes de Natal - cada frasco que durava dois meses custava R\$ 200. Entre elas, estavam Cauã e outras pessoas com diversas patologias, como Parkinson, paralisia, autismo, depressão, câncer e ansiedade crônica.

O óleo, que contém vários canabinoides como THC e CBD (canabidiol), é extraído por meio de um processo de evaporação com etanol. Ele é administrado em gotas colocadas embaixo da língua - a quantidade varia para cada paciente.

Depois de meses de cultivo ilegal, a ONG decidiu pedir autorização da Justiça para plantar a erva com fins medicinais, mas a Justiça Federal rejeitou o pedido em caráter liminar (provisório) e a entidade optou por suspender a produção.

Após a paralisiação, os pacientes e suas famílias pararam de utilizar o medicamento ou recorreram a meios ilegais para conseguir o remédio: plantam a erva por conta própria ou compram de outros fornecedores.

Criada em meados de 2017, a ONG Reconstruir foi criada pelo empresário Felipe Farias e Yogi Pacheco, que hoje vive nos Estados Unidos, a partir da experiência da mãe do segundo, Marcia Maria Pacheco, de 69 anos.

Ela foi diagnosticada com a doença de Parkinson há dez anos. O filho, que havia lido reportagens sobre os efeitos medicinais da erva, convenceu a mãe a experimentar a Cannabis para diminuir os tremores.

"Meu irmão não se conformava com o fato de minha mãe tomar um monte de remédios que, inicialmente, até funcionavam, mas depois perdiam o efeito", conta o dentista

Domingos Flavio Pacheco.

A maconha que ele plantava surtiu efeito, segundo os filhos: os sintomas do Parkinson diminuíram consideravelmente e sua qualidade de vida melhorou. Cerca de oito anos depois, ela foi uma das primeiras pacientes do Brasil a ter autorização da Justiça para cultivar a planta para fins medicinais.

Foi nessa época que Yogi soube do caso da maquiadora Débora e de seu filho Cauã, que estava internado por causa de uma crise convulsiva aguda. O jovem ofereceu um pouco do óleo que sobrou do tratamento da mãe para tentar tratar os sintomas do garoto.

Os médicos do hospital não prescreveram o remédio, deixando a decisão com a mãe. "Um deles me disse: 'Débora, não posso te dizer para usar, mas te digo que, se fosse o meu filho nessa situação, eu daria esse remédio sim'", conta ela.

Na época, um dos exames feitos em Cauã apontou que, em um intervalo de 30 minutos, ele teve nove convulsões. "Um dia depois de usar o óleo pela primeira vez, o mesmo exame não registrou nenhuma crise", relata Débora.

"Não gosto de falar isso, mas, antes da maconha, Cauã estava em estado quase vegetativo: tinha muitas infecções e convulsões, tomava um monte de remédios e só ficava deitado na cama, de olhos fechados, dopado. Tudo isso melhorou. Se você o visse na época, acharia que era outra criança, não essa aqui que está na sua frente", afirma.

Débora ainda tem algumas doses do extrato, mas, sem a produção da ONG Reconstruir, ela se diz "desesperada", pois teme que o filho volte ao estágio pré-tratamento.

'Como faço dar remédio de maconha para meu filho?'

Após o caso de Cauã circular entre outros pais em Natal, os fundadores da ONG receberam muitos pedidos pelo óleo. "As mães nos procuravam, perguntando: 'como faço para dar remédio de maconha para meu filho?'" , conta Farias, de 32 anos.

Foi então que eles criaram a entidade Reconstruir, no início de 2018. Cultivaram cerca de 80 plantas de forma ilegal, ou seja, correndo risco de serem presos. "Posso dizer que fui sim um traficante", diz Farias.

A organização, no entanto, só aceitava fornecer o medicamento se o paciente tivesse prescrição médica - algo um tanto complicado de se conseguir, pois uma resolução do Conselho Federal de Medicina proíbe os médicos de prescreverem tratamentos com maconha, sob pena de responderem a processos éticos.

Sem opção de médicos que receitassem a Cannabis em Natal, profissionais de outros Estados foram levados ao Rio Grande do Norte para prescreverem a planta como tratamento.

Com o aumento da demanda, a ONG decidiu mover uma ação coletiva junto a seus associados para regularizar a situação, afinal, do jeito que estavam, os diretores da organização poderiam ser denunciados e condenados por tráfico de drogas. Eles pediram à Justiça autorização para o cultivo da planta para a produção do óleo medicinal.

Na proposta, o produto seria enviado para um laboratório da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que consegue medir o teor de canabinoides que cada frasco contém. Há pacientes, por exemplo, que se dão melhor com medicamentos mais ricos em CBD, e outros, com uma concentração maior de THC.

No Brasil, apenas a ONG paraibana Abrace Esperança tem essa licença para plantar e fornecer o medicamento para os associados, desde que eles tenham prescrição médica. Hoje, ela atende a centenas de pacientes, que chegam a viajar para o

Estado nordestino em busca do óleo.

Já no caso potiguar, o juiz federal Janilson Siqueira negou o pedido em caráter liminar em outubro de 2018. Segundo ele, o país até permite o plantio de Cannabis para fins medicinais desde que algumas normas sejam seguidas, como regras de segurança, indicação das plantas (sua família, gênero e espécie), além de indicativo de localização, da extensão do cultivo e da estimativa da produção.

Siqueira considerou que a ONG Reconstruir não demonstrou capacidade técnica para seguir essas normas, embora o magistrado não tenha detalhado na decisão a quais desses pontos ele se refere. Antes de decidir, o juiz se negou a ouvir as famílias que utilizavam o óleo - entre elas, estava a maquiadora Débora, mãe de Cauã.

Para Gabriel Bulhões, advogado da Reconstruir, a entidade demonstrou cumprir todas as regras impostas pela Anvisa.

"Tínhamos as prescrições médicas com receituário de controle especial de todos os associados, termo de ciência e responsabilidade, além de laudo médico de avaliação do avanço dos sintomas", diz. Segundo ele, questões de segurança também foram cumpridas. "Para fazer o plantio, nós adquirimos uma casa, por exemplo, que tinha cerca elétrica e biometria na entrada, algo que ainda nem estava previsto pela Anvisa", afirma.

Após a liminar, a Reconstruir paralisou o cultivo da maconha e a produção do óleo. Durante o processo, o Ministério Público Federal, que inicialmente tinha se posicionado contra o pedido da entidade, depois mudou de posição e deu um parecer favorável ao plantio, afirmando já haver provas científicas de que a substância CBD é eficaz para tratar algumas doenças.

A Procuradoria escreveu no parecer: "O provimento jurisdicional do pedido é fundamental, não só por proporcionar a melhor opção de tratamento à disposição dos pacientes epiléticos, com reflexos visíveis em termos de qualidade de vida, mas também porque simboliza um passo de vanguarda no sentido de eliminar entraves burocráticos e corporativos, que acompanham a estigmatização do uso da substância derivada da Cannabis no cuidado quanto a diversas patologias neurológicas".

O mérito da ação deve ser julgado nos próximos meses e, caso perca, a ONG promete recorrer a outras instâncias. Nesta quarta-feira (24), as famílias dos pacientes vão fazer protesto em frente à Justiça Federal no Rio Grande do Norte.

Cultivar maconha no Brasil sem autorização da Justiça, mesmo que o objetivo seja medicinal ou consumo próprio, pode ser punido com advertência, prestação de serviços à comunidade e exigência de comparecimento em cursos educativos. Em outra ponta, quem repassa ou vende a erva ou produtos derivados, como o óleo, também pode ser processado por tráfico de drogas, com penas de até 15 anos de prisão, além de multa.

Desde 2014, a Anvisa permite que pacientes com prescrição importem medicamentos derivados da maconha para alguns tratamentos, como o canabidiol. Mas cada frasco do remédio custa em torno de R\$ 1.000, preço elevado para a maioria das famílias.

O presidente da Anvisa, William Dib, prometeu discutir ainda neste ano a regulamentação do cultivo para a pesquisa e produção de medicamentos no Brasil. Porém, a medida encontra resistência do governo Jair Bolsonaro (PSL), que alega também haver riscos de aumento do consumo recreativo da planta. O ministro da Cidadania, Osmar Terra, defendeu



nesta terça-feira (23), em entrevista ao site Jota, o fechamento da Anvisa caso a agência decida pela liberação.

Oficialmente, o Conselho Federal de Medicina também se posiciona contra, alegando não haver estudos científicos suficientes para provar a eficácia dos derivados da erva.

Por outro lado, além da experiência prática de pacientes e familiares, existe uma série de estudos que apontam os efeitos benéficos da Cannabis na diminuição de sintomas de diversas patologias.

Um dos mais recentes foi lançado no início deste mês na revista científica *Frontiers in Neurology*. Cientistas da Universidade de Saskatchewan, no Canadá, deram doses de 5 a 6 miligramas do óleo derivado da maconha para sete pacientes com epilepsia extrema. Com essa quantidade, quatro das sete pessoas tiveram redução de 50% no número de convulsões - quando a dose aumentou, todos os pacientes registraram melhoras consideráveis.

Em 2017, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o canabidiol deveria ser catalogado como medicamento, pois já havia provas do seu valor terapêutico para doenças derivadas da epilepsia.

Mas como a maconha funciona nesses casos?

Segundo o neurocientista Claudio Queiroz, do Instituto do Cérebro da UFRN, um dos mais conceituados centros de pesquisa em neurociência do Brasil, os canabinoides como THC e CBD atuam para ajustar a interação entre os neurônios.

Na crise epilética, por exemplo, essa comunicação funciona com um excesso de sincronia neural, ou seja, muitos neurônios passam disparam ao mesmo tempo. "É como se um dos neurônios falasse muito alto e o outro não conseguisse ouvir. Os canabinoides então diminuem essa excitabilidade dos neurônios, reduzindo o efeito que causa a crise", explica.

Para o professor Sidarta Ribeiro, também pesquisador do Instituto do Cérebro e referência brasileira em neurociência, os canabinoides não "mudam a taxa de disparo dos neurônios, mas ajustam a sincronia fina entre eles, ou seja, eles passam a funcionar de maneira mais harmônica e diminuem a convulsão".

Outros remédios disponíveis usados para esses casos, como Diazepam, têm efeito oposto da Cannabis, segundo Ribeiro.

"Em geral, esses medicamentos resolvem o problema não diminuindo a sincronia dos neurônios, mas sim sua atividade. Eles efetivamente sedam a pessoa, que pode não ter mais convulsões, mas também não conseguem fazer mais nada", explica o cientista. "Outro problema é que esses medicamentos provocam tolerância, então, as doses precisam ser aumentadas ao longo do tempo, causando uma série de problemas colaterais."

A maquiadora Débora Gabriella de Lima começou a dar óleo feito de Cannabis sativa para seu filho Cauã depois durante uma crise convulsiva aguda

Ocorre algo parecido com autistas, segundo Queiroz. "Imagine que você está sentado numa cadeira, falando ao telefone, mas várias pessoas ao seu redor estão conversando bem alto. Tudo isso é processado pelo seu cérebro, mas, de maneira voluntária e consciente, você decide prestar atenção naquilo que precisa, ou seja, no telefone. Você exclui esses outros ruídos e sensações para focar um objeto definido."

"O autista não consegue fazer isso, ele não utiliza o filtro sensorial normalmente. Para ele, o som do telefone, das pessoas ao redor e o barulho do ar condicionado têm a mesma relevância. Isso fica embaralhado. Então os canabinoides atuam de uma maneira química, suavizando essa excitabilidade dos neurônios e relaxando o sistema nervoso", explica o neurocientista.

Já Ribeiro afirma que, recentemente, criou-se uma teoria "equivocada" de que apenas o CBD funciona de forma medicinal e que o THC, que tem efeitos psicoativos (o que provoca o 'barato'), não deveria ser utilizado como medicamento.

"É um discurso anticientífico dizer que na maconha existe uma substância que é do bem, que é o CBD, e outra do mal, o THC. A maconha tem 150 substâncias, a maior parte delas tem propriedades terapêuticas", explica. "Quando elas estão combinadas, o efeito é potencializado de maneira comitiva, pois, se você utilizar apenas o CBD, o organismo pode se adaptar e ele para de fazer efeito."

Queiroz salienta que a Cannabis não cura as doenças, mas diminui consideravelmente os sintomas, melhorando a qualidade de vida dos pacientes. "Nenhum medicamento está livre de efeitos adversos. E a gente não está advogando para que todo mundo utilize a Cannabis, mas é inegável que para algumas pessoas ela melhora os sintomas."

Segundo os pais de Isaac Pinheiro, de 9 anos, os sintomas do autismo do filho começaram a diminuir após uma semana de uso do óleo da maconha - ele tomava duas gotas ao dia.

Bastante agitado, o garoto tinha dificuldades para escrever, por exemplo. "Ele demorava 40 minutos para escrever três palavras no caderno", conta o tatuador Ruy Pinheiro, 38, pai do garoto. "Com uma semana de óleo, ele começou a escrever mais rápido. Em seguida, até conseguia fazer o próprio nome e as palavras que a professora ditava, coisas que ele nunca tinha feito."

A alimentação também mudou. Isaac come apenas quatro alimentos, todos industrializados e de marcas específicas, como achocolatados, coxinhas e biscoitos. Se não houver esses produtos, ele simplesmente não se alimenta com nada. Após o tratamento com Cannabis, que tem a fome como um dos efeitos colaterais (outro é a sonolência), o garoto se permitiu experimentar outros sabores, como queijo e tapioca.

A mãe do menino, a produtora cultural Haylene Dantas, 34, lembra de outra melhora durante os seis meses que o filho usou o medicamento. "Ele articulava poucas palavras. Por exemplo, se quer ir ao banheiro, ele dizia: 'mãe, banheiro'. Mas, depois de algumas semanas de tratamento, ele disse: 'Mãe, me

dá o celular, porque eu quero ir no banheiro'. Ele nunca tinha falado desse jeito, nunca tinha ido ao banheiro sozinho. Eu fiquei emocionada, porque toda mãe de autista sabe o quanto isso é significativo", diz.

Após a proibição judicial do cultivo da ONG Reconstruir, os pais de Isaac decidiram parar o tratamento do filho, pois não confiavam em comprar o óleo de outros fornecedores. "Foi muito triste ver os sintomas retornarem, mas preferimos fazer assim", diz Haylene.

No entanto, há pais que, desesperados, decidiram recorrer a outros meios para conseguir manter a medicação.

Em um bairro na zona sul de Natal, a BBC News Brasil se encontrou com Cristiane (nome fictício), que decidiu plantar maconha por conta própria para produzir o óleo para o filho autista.

Quando viu a reportagem, o filho dela, de 14 anos, entrou correndo no quarto para se esconder, pois não suporta ser visto por outras pessoas dentro de casa. "Ele tem transtorno de ansiedade social e mutismo seletivo. Ele só fala com quatro pessoas, não tem nenhum amigo na escola onde estuda desde criança", explica Cristiane.

Uma conhecida lhe apresentou um amigo, que forneceu algumas plantas e mudas para o cultivo. Esse tipo de negociação é considerado tráfico de drogas pela legislação brasileira. "Sempre tive medo de ser presa, mas cansei de esperar (a liberação pela Justiça). Meu filho está cada vez mais distante de mim, mais fechado nele mesmo. Sinto que estou perdendo meu filho", diz.

Membro da ONG, a enfermeira Adriana Lamartine, 37, diz que é constantemente procurada por pais e mães que querem descobrir como produzir o óleo. "Infelizmente, muitos estão recorrendo ao tráfico para conseguir a Cannabis. É uma situação desesperadora", diz.

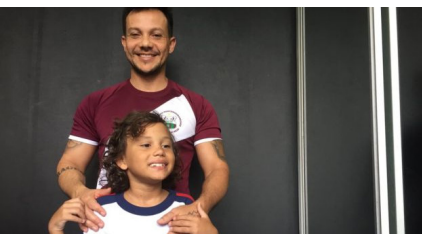
Sem orientação, essa produção individual vira uma espécie de tentativa e erro, pois é praticamente impossível saber a concentração exata de cada canabinoide sem uma análise de laboratório. Assim, seria necessário testar vários tipos de plantas para descobrir qual é a mais adequada ao paciente.

Por outro lado, para evitar serem processados, alguns parentes ouvidos pela reportagem cogitam entrar na Justiça para conseguir autorizações individuais para o plantio. É o caso de Niná Holanda, 58, cujo filho também é autista e utilizou por alguns meses o óleo fornecido pela ONG Reconstruir. Agora, ela pretende judicializar o caso para tentar obter a licença.

"Para mim, a maconha era uma coisa de outro mundo. Eu nunca imaginava que ela poderia ser usada dessa forma. Decidi usar porque meu filho estava ficando cada vez mais agressivo, chegou a apontar uma faca para mim", conta.

"Quando usou o óleo, ele mudou completamente. Está muito mais tranquilo e melhorou em vários aspectos. Tenho uma pessoa que me fornece, porque sem essa planta eu não fico de jeito nenhum. Como mãe, eu sei que a Cannabis faz bem para ele. É vida dele que está em jogo, e faço qualquer coisa por isso", afirma.

A maquiadora Débora Gabriella de Lima diz algo parecido sobre seu filho Cauã. "Eu tinha certo preconceito com a maconha. Mas por causa de um filho a gente engole essas coisas. Até levei o Cauã na Marcha da Maconha. Sempre digo: 'maconha é uma planta, não é bicho de sete cabeças, não. Vocês acham que gente ruim é que usa maconha? Meu filho é gente ruim? Olha aqui para ele. Tenho orgulho de dizer: ele é o meu maconheirozinho.'" **bc**



Ruy Pinheiro e seu filho Isaac, de 9 anos, que começou a utilizar o óleo de Cannabis para tratar sintoma de autismo

UM PLANO PARA D





DOMINAR O MUNDO

Proprietária de Marvel, Star Wars, Pixar e Fox, a Disney é uma máquina de gerar sucessos de bilheteria. Agora é hora de conquistar o negócio de 'streaming' com uma plataforma que ameaça Netflix e HBO

POR PABLO XIMÉNEZ DE SANDOVAL

Quando a empresa Disney apresenta suas novidades, faz isso em um pavilhão do centro de convenções de Anaheim (Califórnia), ao lado da Disneyland, diante de 7.000 pessoas que pagam para estar lá, e com os maiores astros de bilheteria enfeitando o palco. Foi assim no fim de semana, durante a convenção D23, a grande convocação que a Disney organiza a cada dois anos como evento para fãs. Será que a Disney é grande demais?, perguntava a imprensa especializada. A empresa respondeu de forma contundente.

O último ano foi extraordinário para a Disney. Os seis filmes de maior bilheteria de 2019 saíram dos estúdios de Burbank: Vingadores: Ultimato, O Rei Leão, Capitã Marvel, Toy Story 4, Homem-Aranha: Longe de Casa (dividido com a Sony) e Aladdin. Três deles superaram 1 trilhão de dólares (4,14 trilhões de reais) de arrecadação em todo o mundo. Vingadores: Ultimato é o filme de maior bilheteira de todos os tempos. Dos cinco filmes de maior sucesso da história, três são da Disney (Ultimato, Star Wars: O Despertar da Força e Vingadores: Guerra Infinita). Outro é da Fox (Avatar), empresa que a Disney acaba de comprar.

O império de hoje é o produto de 15 anos de aquisições das marcas mais reconhecidas pelo público e de uma grande visão para explorá-las. Em 2006, a Disney comprou por 7,4 bilhões de dólares (30,7 bilhões de reais) a Pixar, o estúdio que havia reinventado a animação e ameaçava seu reinado nesse mercado. Em 2009, adquiriu a Marvel por 4 bilhões de dólares (16,6 bilhões de reais). Em 2012, comprou a Lucasfilm, produtora da saga Star Wars, por outros 4 bilhões de dólares. Finalmente, em 2017, anunciou a compra da Fox, com sua divisão de televisão (Os Simpsons) e todo seu arquivo de filmes. A operação foi concluída este ano por 71,3 bilhões de dólares (296 bilhões de reais).

A Disney pode, a esta altura, impulsionar ou frear, conforme sua conveniência, marcas de enorme atração entre o público global. A produtora decide se deve haver outro Star Wars. Decide que caminho a Marvel seguirá, quais serão os novos personagens que passarão dos quadrinhos para as telas. Domina a animação (com a aquisição da Fox ela soma também o estúdio BlueSky, de A Era do Gelo). Em todos os casos, o que ela acrescenta é sua capacidade de encontrar novas formas de explorar essas marcas. Quando comprou a Marvel, o CEO da Disney, Robert Iger, disse: “Isto é perfeito do ponto de vista estratégico. Este tesouro de mais de 5.000 personagens permite que a Disney faça o que melhor sabe fazer”. Desde aquele acordo, os filmes da Marvel lhe renderam uma receita de 18 bilhões de dólares (74,6 bilhões de reais) nas bilheteiras. Isso sem contar o que ela ganha com a exploração desses personagens, incluindo uma nova atração em seus parques da Califórnia.

Nos seis anos desde a compra de Star Wars, os filmes já recuperaram o dinheiro, com 4,8 bilhões de dólares (19,9 bilhões de reais) nas bilheteiras. E em dezembro estreará o novo longa da saga. Com as séries de televisão, a empresa começa neste ano. O potencial para fazer spin-offs é infinito. No ano passado, a Disney teve uma receita bruta de 59 bilhões de dólares (244,6 bilhões de reais).

Esse domínio da cultura popular se traduz em uma capacidade assombrosa da Disney para mobilizar o estrelato. Entre homenagens e apresentações de projetos, em duas manhãs passaram pelo palco da D23 dezenas de grandes

nomes, entre eles: Robert Downey Jr., Tom Holland, Chris Pratt, Dwayne Johnson, Emily Blunt, Kristen Bell, Diego Luna, Julia Louis-Dreyfus, Salma Hayek, Michelle Pfeiffer, Christina Aguilera, Tina Fey, Jon Favreau, Jeff Goldblum, Anna Kendrick, Jamie Foxx, Ewan McGregor e quase todo o elenco de Star Wars. Nesta D23, a maioria subiu ao palco apenas para saudar o público e ir embora.

Em algum momento de sua história de sucesso, a Disney entendeu que as pessoas já não vão ao cinema. E que os serviços de streaming intensificam essa tendência. Entendeu isso antes dos outros, ou melhor. As pessoas vão ver os filmes-evento, os grandes acontecimentos dos quais todo mundo fala. Ela decidiu então se especializar em fazer apenas isso. “Nas estreias em cinemas, nós nos voltamos para os filmes grandes dos quais os outros estúdios não querem saber”, reconheceu no sábado Alan Horn, diretor criativo e copresidente da empresa. No ano passado, faturou 8 bilhões de dólares (33,2 bilhões de reais) nas bilheteiras.

Portanto, a empresa não dá trégua aos outros estúdios, incapazes de conseguir uma manchete que diga: “O filme de maior bilheteria...”. Mas agora a Disney também está disposta a impor seu poder na guerra das plataformas de vídeo online. Ela lançará em 12 de novembro nos Estados Unidos o Disney+, seu próprio serviço de streaming. Nele estarão todos os catálogos da Disney, Pixar, Lucasfilm, Marvel e National Geographic, de forma permanente e exclusiva por sete dólares (29 reais) ao mês (sua chegada ao Brasil está prevista para 2020). “Tudo será conteúdo familiar”, prometeu Kevin Mayer, diretor de serviços diretos ao consumidor. Ou seja, a empresa promete um serviço adequado para crianças.

“O plano é parar de alimentar a Netflix com nossos filmes para montar nosso próprio serviço”, explicou Horn à imprensa internacional no sábado. “Todos os títulos grandes irão para o Disney+, e isso também nos permitirá fazer e apreciar filmes menores”, acrescentou.

Durante a convenção D23, que o EL PAÍS acompanhou como convidado da Disney, ficou claro que a empresa pensa em utilizar o poder da Marvel e de Star Wars para mostrar sua força diante da Netflix e do HBO já no lançamento do Disney+. A Lucasfilm fez a série The Mandalorian, sobre as aventuras de um caçador de recompensas no mundo de Star Wars, dirigida por Jon Favreau. Diante de milhares de fãs entusiasmados, Ewan McGregor anunciou que voltará a interpretar Obi Wan Kenobi em outra série para o Disney+. A Marvel anunciou, por sua vez, produções para a TV com atores da saga Vingadores. Para crianças, haverá uma nova série Os Muppets e outra com Forky, personagem de Toy Story 4.

No capítulo cinematográfico, as apresentações foram sobre a meia dúzia de filmes que a maioria das pessoas vai ver nos próximos dois anos. A Pixar prepara duas estreias para 2020: Dois Irmãos: Uma Jornada Fantástica, sobre uma família de elfos em uma terra de fantasia; e Soul, um filme de introspecção na linha de Divertida Mente. O estúdio de animação da Disney pretende arrebentar no próximo Natal com Frozen 2. E para o ano que vem também quer estreiar Raya e o Último Dragão, com uma nova princesa, desta vez do Sudeste Asiático.

A Lucasfilm toma de assalto as bilheteiras no fim deste ano com Star Wars: A Ascensão Skywalker, filme que conclui a saga iniciada há 40 anos. E depois de produzir o campeão de bilheteria de todos os tempos, a Marvel lançará no ano que vem Viúva Negra e uma nova saga de heróis, chamada Os Eternos (com Angelina Jolie e Richard Madden). Para 2022,



prepara Black Panther 2.

Os estúdios Disney também lançarão uma comédia de aventuras chamada Jungle Cruise (com Dwayne Johnson e Emily Blunt), que aspira a ser o novo Piratas do Caribe; um novo filme de Malévola, Dona do Mal; uma versão de Mulan com atores em carne e osso; e Cruella, um filme baseado na personagem de 101 Dálmatas.

Em meio a este clima de euforia, a Sony anunciou nesta semana o rompimento do acordo que tinha com a Disney para explorar em conjunto o personagem Homem-Aranha. Esse personagem é da Sony e já não aparecerá ao lado dos demais Vingadores. Para parte da indústria, a Sony ficou como um valente que desafia o gigante. O preço é uma enorme decepção para os fãs da saga do aracnídeo.

Os biógrafos de Walt Disney contam que na metade da produção de Branca de Neve e os Sete Anões (1937) ele ficou sem dinheiro e teve de buscar financiamento. Um executivo do Bank of America foi ao estúdio para ver o filme incompleto. Disney e sua equipe lhe mostraram desenhos e tiveram de interpretar eles mesmos as partes que ainda não tinham sido animadas. O executivo ficou sentado vendo aqueles homens que faziam vozes e cantavam musiquinhas. Quando acabou, disse: “Vocês vão ganhar muito dinheiro com isso”. Depois de ver as apresentações do futuro imediato da Disney, cabe apenas repetir as palavras daquele banqueiro. **be**

**O império
de hoje é o
produto de
15 anos de
aquisições
das marcas
mais
reconhecidas
pelo público**



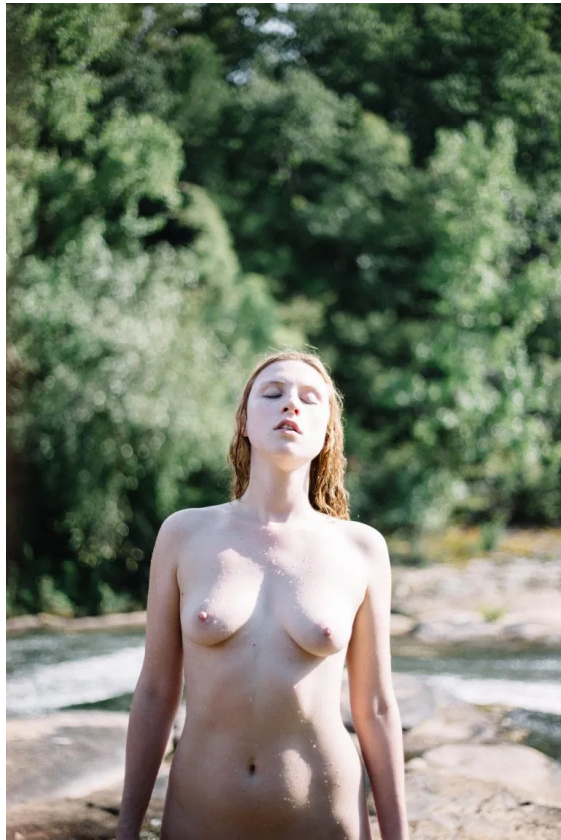


ÀS MARGENS DO RIO

ASTRID KALLSEN
por **FRANCISCO JOSE VAZQUEZ**









e se o pinto é pequeno?

Não entre em pânico, com essas dicas você ainda consegue chegar lá

DO EL HOMBRE

SEGUNDO UMA PESQUISA com 15 mil homens do planeta todo, a média do pênis mundial é de 13,2 centímetros. Você está acima disso? Abaixo? A verdade é que não interessa se você tem pinto pequeno ou grande. Como diz aquela velha máxima, o importante não é o tamanho da ferramenta, mas se você sabe usá-la. Por isso reunimos aqui 5 dicas de sexo para homens com pênis pequeno. E se ele for grande, fizemos também uma matéria com dicas para o seu caso.

1# Não fique paranóico

A confiança é fundamental no sexo. Um homem com pinto pequeno pode ficar paranoico com isso. Dessa maneira, você será inseguro na cama e ninguém vai aproveitar a transa direito. Não adianta lamentar pelos seus dotes. É o que você tem, paciência. O negócio é aprender a usá-lo com sabedoria — e, inclusive, você pode ser melhor no sexo do que seus colegas pintudos, se desenvolver as técnicas corretas.

2# Use as mãos bastante

Você sabia que 75% das mulheres precisam de estímulo direto do clitóris para gozar? Pois é. Então a sua habilidade com as mãos é mais determinante do que o tamanho do pinto para levá-la ao clímax. Use bastante as mãos na preliminar e durante a transa. Se você quiser mais dicas, temos um post no site especificamente sobre estímulo no clitóris.

3# Adote posições que são mais profundas

O pinto pequeno tem uma vantagem em relação ao grande. Você pode adotar posições sexuais mais profundas sem que isso machuque a sua parceira. Isso também vale para o sexo anal. Muita mulheres querem experimentar, mas não aguentam a dor que um pinto grande proporciona. No seu caso, fica mais

fácil. Segue abaixo algumas posições que beneficiam a profundidade para se inspirar.

4# Vire um expert em sexo oral

Quem não gosta de receber uma boa chupada? Desenvolva essa habilidade e sua performance será memorável, independente dos dotes que tem dentro da calça. Já publicamos vários artigos no El Hombre que podem ajudá-lo nisso, a começar por estas 18 posições diferentes para chupar uma mulher e as 9 dicas para fazer um sexo oral mais gostoso nela.

5# Explore os sex toys

A penetração é apenas uma parte do sexo. Você pode — e deve — explorar as mais diversas possibilidades na cama. Entre elas usar sex toys. Esses brinquedinhos são criados especialmente para dar prazer às mulheres. Use-os ao seu favor.





twitter.com/
becoolmagazine

facebook.com/
RevistaBecool

instagram.com/
revistabecool

issuu.com/dddgilvan

archive.org/details/@
dddgilvan

O AQUECIMENTO GLOBAL ACABA COM TODO
O VERDE DO PLANETA. TODO MESMO



GREENPEACE
www.greenpeace.com